

Aldeia Kambé em Massacará, fazenda Sipituba: instalação de cerca viva para sistema agroflorestal.

Pedro Paulo Garcês Magalhães (pedrogarces.agro@gmail.com)

Esmeralda Gonzaga de Oliveira (ismel_oliveira@hotmail.com)

Marcia Oliveira dos Santos Coelho (bruxinha_marcinha@hotmail.com)

Laelson Freires Gomes (laesio_rodela@hotmail.com)

O grupo PET Engenharias (Universidade Estadual de Feira Santana – UEFS) mantém contato desde setembro de 2014 com a aldeia indígena Kaimbé em Massacará, município de Euclides da Cunha, Bahia, que dista aproximadamente 250 quilômetros da instituição. Após conhecer as necessidades e expectativas de projetos na aldeia, viu-se a necessidade de concorrer a editais que contemplassem financiamento para as atividades cuja realização seria pertinente, após o diagnóstico realizado com os aldeões. Essas atividades variavam desde uma estufa que seria necessária para a plantação de mudas e o reflorestamento de áreas degradadas, até uma sede para venda de artesanatos confeccionados pelos indígenas, todos estes projetos encaminhados pelo grupo a editais de financiamento, sem sucesso. Restaram os dados coletados da área de Sipituba, fazenda de terra exaurida pela pastagem do fazendeiro anterior inadimplente, cedida pelo Governo do Estado da Bahia, através da Coordenação de Desenvolvimento Agrário (CDA). A aproximação com a aldeia e seu cacique, ouvindo sugestões e identificando as potencialidades da região, convergiu-se para a prioridade de instalação de uma cerca viva, utilizando o sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*), no entorno das 4.000 ha da área a ser preservada. O dimensionamento do perímetro foi obtido através de coordenadas coletadas via GPS e se calculou a quantidade de plantas que serão utilizadas (espaçamento regular de 2m): 13000 mudas. A coleta dos dados realizada na área teve como objetivo a implantação futura da cerca viva na localidade sendo esta, uma comprovação de uso da terra pelos próprios indígenas e que delimita a área de preservação da fauna e flora local que a mesma representa. A justificativa desta atividade reforça-se devido à necessidade da comunidade em isolar a área reduzindo as disputas, obstruindo a invasão e grilagem por invasores e preservando o território para os demais usos projetados, que compõem um sistema agroflorestal.